

NICOLAU: UMA POÉTICA DA LEITURA

Graciela Cariello

Universidades de Rosário e de Entre Ríos

(Argentina)

I. Poética da escrita X poética da leitura

O objetivo do presente trabalho (isto é: descobrir a poética que rege o jornal *NICOLAU* - publicação bimestral, de Curitiba, do Departamento de Imprensa Oficial do Paraná -) coloca a primeira questão: que coisa poderá ser a poética de um jornal? Será uma teoria da escrita poética, a expressão de uma escola literária, ou um estilo...? Mas acontece que “estilo” é sempre (ou quase sempre) pensado como manifestação individual, pessoal, de um poeta, e as escolas poéticas parecem ter desaparecido do palco literário. Será então uma teoria da escrita?

No jornal *NICOLAU*, no entanto, o mais evidente é mesmo a ausência de uma teoria - expressa - da escrita. Existe uma práxis da escrita, não ligada a uma única teoria possível. E existe, mais claramente ainda, uma maneira de ler, não colocada como proposta teórica, mas como realidade pragmática, como prova palpável, manifesta, evidente; uma maneira de se ler a cultura, a arte, a poesia. Nesta última, na maneira de a poesia ser lida pelo jornal *NICOLAU*, é que vamos nos deter, a ela orientando o foco da nossa leitura.

Ler o modo de ler, é talvez a prática crítica que o mesmo texto dos jornais analisados acaba nos impondo. E a prática que nessa análise se exerce é, ao mesmo tempo, o treinamento para chegarmos a essa particular maneira de ler poesia, que aqui denominamos “uma poética da leitura”, e que talvez nos faça atingir finalmente, também, uma “teoria da escrita” - não expressa - do *NICOLAU*. Nessa maneira de ler reside sua atualidade, o interesse para o crítico deste fim de

século, quando a leitura, não mais como interpretação e menos ainda explicação do mundo, mas como “jogo de linguagem”, interação com a realidade, e quicá mais ainda fruição estética do mundo - das palavras - instantânea e voraz, parece se ter constituído na base da prática crítica. O crítico, cada vez mais, é um leitor “borgeano” que se orgulha mais daquilo que lê do que daquilo que escreve. O prazer parece ter ficado do lado da leitura e não da escrita, feita sempre com dor e angústia.

O crítico/leitor é também a figura do escritor deste último quartel do século, costurando no seu texto/intertexto a colcha de retalhos, formada de infindos outros textos, múltiplas vozes e indiferenciáveis gêneros.

O limite entre gêneros literários, tendo desaparecido já desde as vanguardas (ou ainda antes), está sendo eliminado também entre texto poético e texto crítico/teórico. Assim, por exemplo, um romance pode incluir sua própria teoria (Avalovara, de Osman Lins) ou uma rede de alusões críticas (*Respiración artificial*, de Ricardo Piglia); um poema pode consistir na sua arte poética (“Consideração do poema”, de Drummond de Andrade); e do outro lado, um texto teórico-crítico pode ser construído como um poema (*El arte del olvido*, de Nicolás Rosa).

Ao mesmo tempo, uma leitura pode estar constituída de fragmentos, de teorias e até ciências diversas (semiologia, psicanálise, história, lingüística, etc. etc.), mais leituras de leituras, crítica de críticas, jogo de espelhos sem ter fim.

Como é possível ver isso tudo refletido num espaço textual que não teorize sobre a leitura mas a apresente viva e atuante, obrigando-nos a realizar na prática essa “poética da leitura”? Eis o que, consideramos, o jornal *NICOLAU* tem conseguido fazer.

2. Uma revisita ao jornal

Vamos estudar um corpus pequeno, só de sete números, que vão do 34 (agosto/setembro '90) ao 40 (agosto/setembro '91). O jornal, com cinco anos de vida, mudou algumas coisas no seu percurso cultural, mas permanece essencialmente o mesmo. Este último trecho do percurso, aqui focalizado, pode-se considerar representativo do “es-

pirito" do jornal e, primordialmente, uma amostra dos seus caminhos atuais.

Uma descrição genérica poderia afirmar que *NICOLAU* é um jornal cultural, expressão de um Estado - Paraná - e, ampliando sua intenção representativa, de uma região: o Sul brasileiro. Abrange aspectos diversos da cultura: artes, literatura, ciências, história, língua, e outros mais. De 32 páginas, em folhas soltas, tipo jornal, com algumas seções fixas; apesar de o jornal ser sempre o mesmo, o seu visual é sempre diferente. A capa não se repete, nem sequer as letras do nome. A cada entrega, o leitor espera a novidade. O diverso dentro do mesmo; mesmo jornal, mesmo nome, mesmo tamanho, mesma intenção: ser sempre diferente. Surpreender.

A surpresa, porém, não é do tipo daquelas pretendidas pelas vanguardas no começo do século. A reiteração da diferença faz com que ela seja um elemento esperável. Sabemos que será diferente; só não sabemos como.

Começamos a descobrir, passando em revista o jornal, um princípio da sua estratégia de poética da leitura: sobre um terreno conhecido, buscar as estradas novas, os atalhos, as rotas ocultas... mas bem indicadas nos roteiros. Só que os roteiros não estão escritos: unicamente a freqüentação dos textos os faz aparecer aos nossos olhos, os revela, os cria.

A primeira evidência dessa poética está na capa. No mesmo tamanho e cor (branco e preto), sempre será diferente. As letras poderão ser pretas sobre branco ou brancas sobre preto, maiores ou menores, iguais ou desiguais. A distribuição de letras e imagem na página também variará. A ilustração, quase sempre fotos - diferentes - (e, em números anteriores, também desenhos) ou, no número 40, só o nome "*NICOLAU*", em letras enormes, dramaticamente cortadas em duas partes pela horizontal, numa capa sem foto nem desenho: a letra no lugar da imagem. A relação dos autores, sempre na capa, mas em lugares diferentes: em baixo, no lado, no meio. Sempre, também, a diferença não será casual, e terá um sentido que se fará na leitura do conteúdo do jornal.

Há em cada número uma linha temática - colocada na seção "Mosaico" - que orienta a leitura. Mas isso é bastante freqüente nas revistas culturais. O que é novo, ou diverso, ou simplesmente o que

configura esta poética da leitura característica deste fim de século, é a aparente falta de unidade, a fragmentariedade, a justaposição do diferente no corpo mesmo do jornal, entre seus artigos. Tomemos como exemplo o número 34. Na aparência, resulta incoerente. O que faz ali um artigo de física sobre o Quark, entre a entrevista da poeta Alice Ruiz - "A ikebana visigoda" - e os poemas do polonês Adam Mickiewicz; aquela, contemporânea, atual, este, da primeira metade do século XIX? E o texto de Hilda Hilst - "Lucas, Naim" -, depois da narrativa autobiográfica das mudanças do jornalista Telmo Wambier - "Nós / ao pé da pauta" -, seguido do ensaio sobre Ernani Reichman (e entre eles, o desenho: uma gravura de Denise Roman), e ensaios sobre faroeste, e uma dupla página de hai-kais?...

O que fazem, nesse encontro de diversidades, é, em primeiro lugar, apresentar a cultura atual como ela é: arlequinal, fragmentária, misturada, feita de partes, traços, linhas, rendas e bordados: colcha de retalhos. Mas, como na colcha, é o fato de ser colcha (fazer parte da colcha) o que confere sentido à justaposição de pequenos pedaços independentes, do mesmo modo, no jornal, a aparente incoerência dos artigos, a disposição aparentemente arbitrária, começa a ter sentido na mesma leitura que os liga, e na referência àquela linha orientadora. Neste caso, a sedução é o tema do "Mosaico", tratado por: um palhaço, um jornalista, um fotógrafo, uma bailarina, um cineasta. Na leitura do conteúdo, a sedução volta muitas vezes. Não é que todos os artigos tratem da sedução. Alguns falam dela metaforicamente (a entrevista do escritor Herbert Daniel sobre a AIDS, por exemplo); outros, de uma particular forma de sedução (aquela que exerce a própria origem sobre os imigrantes, na reportagem acerca da imigração polonesa, "Vozes da terra"); outros, simplesmente seduzem (como os poemas, o texto "Lucas, Naim"). E assim por diante. Mas é mesmo que todos tenham a ver com sedução; ou será que todo texto, poético ou não, tem algo a ver com sedução; ou talvez estejamos à procura da sedução precisamente porque o tema nos foi sugerido logo no começo da nossa leitura deste número de *NICOLAU*? Difícil, e inútil, responder. Deste tipo de relações (figura de banda de Möbius) está feita nossa cultura. Relações onde não é possível indicar o dentro e o fora, o começo e o fim, nem atribuir causalidade (ou, pelo menos, responsabilidade) a uma parte sobre outra. "Onde está a ponta do novelo?"

A ponta do novelo, parece dizer o texto, está no leitor. Que entra nele por onde pode entrar. Para alguns, o artigo sobre Quark pode não ser interessante. Mas aí está a chamada, nomeando Joyce, para nos dizer que não é só de física que se fala. Ou então, que a física, como qualquer outro saber (ou ciência) não é um campo separado dentro da cultura, indiferente ao imaginário. E é mesmo da sua relação com o imaginário e da "sedução" entre ambos, que o artigo fala. Por um lado, por algum dos seus inúmeros lados, a ciência, - a física, o texto científico, se toca com a poesia.

3. Poética da leitura

Já vai sendo tempo de entrar na poesia. Embora, no *NICOLAU*, seja sempre de poesia que se fale, podemos recortar aquilo que mais diretamente lhe diz respeito. Ainda no corpus escolhido, levantamos a matéria referida especificamente à poesia. O resultado deste levantamento é também, na aparência, caótico. Presença de autores de épocas diversas: desde Li Tai Po (nº 36) até os novíssimos do Estado, nas "Revelações" dos últimos números; passando por russos do começo do século, um polaco do século XIX, Langston Hughes, Hölderlin, poetas italianos contemporâneos, argentinos atuais de idades diferentes, José Paul Paes - brasileiro -, Octavio Paz - mexicano, Cortázar - argentino que morava na França -, Perlongher - argentino que mora no Brasil -, e sempre os paranaenses, e às vezes (muitas vezes) os poetas dos outros Estados do Sul do Brasil. Muitos, só com um único poema, sem notícia do autor (o que, para nós, leitores de outras latitudes, acaba virando um mistério). Os poetas estrangeiros (até russos e chineses) em expressão bilingüe. Isto, no caso do parêntese, configura, aliás, um novo jogo visual dos muitos que o jornal oferece.

Trataremos de descobrir o fio de leitura desta proposta empolgante e misteriosa (ou por que misteriosa). Dissemos, no começo deste artigo, que a teoria sobre a escrita estava ausente do jornal. Isto é verdade se expresso nos termos pragmáticos da não presença de artigos ou ensaios especificamente teóricos sobre a escrita. Dissemos também que há uma poética da leitura na maneira de os textos serem apresentados no jornal. Agora devemos acrescentar que há também

uma indireta teoria da escrita disseminada em artigos e ensaios e especialmente nos editoriais do diretor, Wilson Bueno.

No número 40, último da nossa série, o editorial exprime o que é, justamente, o espírito do jornal: "Uma epígrafe desta edição de *NICOLAU* bem poderia ser, via Bob Dylan, 'poetry is to inspire'. Fina rota ao coração do talento, eis de novo nós e as nossas cerimônias de espírito, jogos de representação, ícones no rastro de seus imãs - estrada aberta para os acidentes do mundo". Vejamos de que coisas está falando Wilson Bueno neste trecho. De rotas (finas) e estradas (abertas). Percursos sutis e livres, sem roteiro, ou cujo roteiro vai se fazendo no mesmo percurso (como se diz em espanhol: "se hace camino al andar"), que já tínhamos observado como particularidade do *NICOLAU*: a necessidade que cria no leitor de buscar/abrir veredas. Mas as veredas possíveis só se indicam através de textos que apresentem uma multiplicidade de ramais, que não fechem caminhos, que se abram num "feixe de possibilidades." Eis o traço comum (o único) dos poetas: o elemento constante na diferença. São todos eles poetas da busca desesperada, da "rexistência" (para usar um termo do mesmo *NICOLAU*), das margens do tempo, da inovação, Surrealistas, pesquisadores da palavra, marginais, exóticos: toda essa laia de poetas está presente no *NICOLAU*. Parecem-se entre eles no seu serem diferentes. E estão presentes na sua presença mais real: nos seus textos. Textos novos de poetas desconhecidos ou textos desconhecidos de velhos poetas; primeiras traduções ou primeiras publicações.

Com notícia, quando talvez não seria necessário, no caso dos mais conhecidos. Sem notícia, nos casos em que é difícil (para nós, estrangeiros) saber quem são. E então, são isso: só seu poema, sua palavra, sua letra. O leitor estrangeiro abandona a inútil curiosidade pelo dado biográfico, e fica preso da bio-grafia real: a escritura de vida, a vida escrita na escrita. "Fina rota", "estrada aberta" para nossa leitura.

A redundância (falando que se sabe, dar notícia de Hölderlin, de Li Tai Po) indica que não é isso o elemento essencial da notícia. Então releemos e descobrimos que o dado biográfico, talvez desnecessário, desviava nossa atenção do que, pérola oculta, estava disfarçado pelo óbvio. De Hölderlin (nº 37), a loucura, e atrás dela, a revelação de segredos recônditos. De Li Tai Po (nº 36) a sabedoria no vinho, a

embriaguez que atinge a verdade: a mística do inconsciente poético; uma outra forma de revelação da verdade fora da sujeição racional. Através dos séculos, o elo que liga Hölderlin (séc. XIX) e Li Tai Po (séc. VIII), volta a aparecer ligando os argentinos deste século: Madariaga (nº 39) sempre entre o vinho real e o imaginário, “Oh candombro embriagado”, e Cortázar (nº 37) que “desvenda o silêncio”, “intimo da im-possível ‘realidade’ fantástica”; com o americano, também deste século mas da primeira metade, Langston Hughes (nº 35), embriagado de inconsciente, de esperança, de verdade, nos seus “Sonhos”.

Mas será nos textos poéticos que nossas rotas de leitura vão ser inventadas. Lemos mais uma vez o editorial do número 40: “cerimônias do espírito, jogos de representação, ícones no rastro de seus ímãs”. A imagem, ícone, perseguindo o rastro de seus ímãs, rege esta leitura. E não podemos deixar de pensar no poeta cubano Lezama Lima e seu “Fragmentos a su ímán”, talvez a maior expressão em língua espanhola de uma estética da qual *NICOLAU* também faz parte (“El anverso y el reverso / en el borde de la hoja” - *Universalidad del roce*). Uma estética da imagem que percorre os tempos até se abrir hoje numa explosão de fragmentos espalhados, suspensos no instante da atração do ímã: centro móvel, que de um lado pode ser o olho do leitor, e do outro pode ser a mão do artista, traçando o poema, o quadro, registrando a foto, criando o mundo na imagem.

NICOLAU, cuja constância é variar o visual da capa, cuja dupla página central traz sempre uma obra de arte plástica, que ilustra cada texto com vinhetas, com a arte gráfica das suas letras, que marca a letra na letra, baseia sua poética da leitura na imagem. “Jogos de representação”, “ícones”, as suas “cerimônias do espírito” partem na busca dos “acidentes do mundo” através da imagem. Parte para o mundo real, vivo, preocupação e ferida aberta no peito - sua postulação da “reexistência”, da existência através da resistência, e vice-versa, fala do seu sentimento do mundo. Mas esse sentimento irá sempre além, na busca sem fim, porque como afirma o editorial do nº 34 (primeiro da nossa série) “viver será sempre um pensamento aberto para o infinito”.

Poesia, imagem, fragmentos, ímã, estrada aberta, acidentes do mundo, infinito. Eis um roteiro possível (claro que existem outros

possíveis ramais), aquele que escolhemos na nossa leitura, que consideramos uma das plurais rotas abertas por esta "poética da leitura... poética".

4. Leitura poética

A leitura de *NICOLAU* vira poesia, poema, práxis poética. Ler poeticamente será uma das maneiras de alcançar a poética do jornal.

Lê poeticamente o ensaio de Sérgio Rubens Sossélla quando analisa os textos do poeta Ernani Reichmann (nº 34). A mesma sedução do Outro que o ensaio vai desvendando no(s) outro(s) de Reichmann, vai se enovelando no texto que o lê. E no leitor, puxando da ponta do novelo para tecer sua própria renda, a sedução do Outro (textual) do outro, impulsiona a mão e o olho.

Lê poeticamente José Paulo Paes quando traduz Hölderlin (nº 37) - como todos os tradutores do *NICOLAU*, não "traditori" mas leitores amorosos e poetas do intertexto -.

Lê poeticamente o artigo de Reinoldo Atem (nº 37), apesar de texto acadêmico e o mais descritivo, ao debruçar-se com carinho sobre a atual poesia paranaense. Nas suas linhas vamos descobrindo traços, marcas, tendências dessa poesia, bem como um modo de ler: seguindo a rota da busca da diferença, única constante que temos encontrado, aliás, neste jornal que seduz (e é seduzido) pela maravilha. "... há uma espécie de continuidade de posturas entre as variadas épocas históricas da poesia, no que se refere ao afastamento com relação às formas rígidas, normativas e imutáveis do período clássico, no sentido da conquista da expressão individual original e única, processo histórico que se completa na atualidade, quando a linguagem poética nada mais é que a manifestação livre do indivíduo na sociedade de massas, números extravagantes e volumes abusivos" - Reinoldo Atem -. Lemos, também, nas entrelinhas, a própria busca do poeta, quem quase ingenuamente se inclui na relação dos poetas estudados, último na lista. O outro de si mesmo, autobiografia, escritura do nome (próprio) para se inscrever na letra, Reinoldo Atem repete o movimento com que o jornal se constrói. Uma maneira de ler poesia, que é a maneira em que se quer ser lido. A poesia se lê, é lida, quer ser lida, em chave de poesia.

Em última análise, quem lê poeticamente é o leitor do jornal: nós. Leitor - crítico - teórico - poeta. Não há como fugir. Quem lê *NICOLAU* como ele pretende ser lido, vira (se já não era) poeta. Um poeta da leitura, na leitura. Um poeta borgeano.

Até o número 39, o leitor tinha só um modo de se inteirar do conteúdo do *NICOLAU*: entrando nele. Só algumas vezes, o editorial fazia uma espécie de sumário, bem sintético e poético. Desde o número 40, o jornal tem um índice que (obviamente) indica, assinala, orienta. Antes disso, era uma aventura folhear o *NICOLAU* buscando as novidades, se perguntando o que teria preparado como presente nas páginas centrais, que poetas surgiriam aos nossos olhos, que língua mágica estaria magicamente traduzida (mas presente) para nós, nessa duplicação da escrita que torna flagrante as múltiplas possíveis leituras de um texto. Agora, só abrindo o jornal, logo na página 2, ficamos sabendo isso tudo. Talvez, desconfiamos, seja um outro recurso do *NICOLAU* para se obrigar a novas formas da surpresa.

Nos números aqui estudados - salvo o 40 -, porém, a leitura era essa aventura sem roteiro escrito. Buscar a poesia, encontrá-la onde ela muitas vezes estava escondida: em um texto de prosa, como "Para escutar com fones de ouvido" de Cortázar - nº 37 - ("A poesia sopra onde quer", Murilo dixit). Descobrir, desvendar, abrir veredas na floresta das páginas.

Depois, uma outra aventura. O fragmento, a parte, o poema único, breve, obriga a dois movimentos. Isolado, fica realmente como ilha no meio do mar, brilha sob o sol do olho que recorta suas margens. A leitura faz centro em cada poema, em cada *hai kai*, em cada texto. Logo depois (ou simultaneamente, ou antes, cada um sabe) é inevitável ligar os pequenos textos entre si. Alguns, pela proximidade na página, outros pelo desenho que sua distribuição no papel cria como uma segunda forma estética sobreposta à primeira (sem se pensar numa ordem de primazia sugerida pelo numeral ordinal que a língua, cuja lógica não é a da poesia, nos obriga a usar - mas isso é um outro problema). No número 34, a leitura dos *hai kais* exige do leitor fazer movimentos no papel seguindo as linhas da escrita, até rolar a página de "cabeça para baixo"... porque não é fácil fazer isso com o próprio corpo, sendo que talvez essa última fosse a melhor solução

para esta leitura... Estes movimentos criam novos desenhos e múltiplas relações entre os poemas.

A disposição dos poemas do "Plural" do nº 35, distribuídos em duas páginas, entre flores (não "jardim ameno" mas oferenda para mortos: dupla evocação de vida e morte, palavra e silêncio) duplica, por exemplo, a "Lápide I, epitáfio para o corpo":

*"Aqui jaz um grande poeta.
Nada deixou escrito.
Este silencio, acredito,
são suas obras completas."*

O poema fica abaixo da imagem (um esqueleto distribuindo as flores que se espalham pelas duas páginas): quase sua legenda.

Outros elos traçam-se de poema a poema no SING / ULAR do nº 36. Entre o "Hai kai"

*"ácido
a cidade
a—"*

no extremo superior esquerdo da página à esquerda, e o "Bicho-de-pé", da página à direita, que acaba como eco do primeiro "agora é que tardarás a chegar à CIDADE", o belíssimo poema "descobertas" parece tecer uma ponte entre as duas "cidades", no espaço de papel (abismo intransponível) que fica entre elas:

*"Descobrir continentes é tão fácil
como esbarrar com um elefante:
Poeta é o que encontra uma moedinha perdida..."*

Essa "moedinha" é o fio sutil da teia que vai (pela aranha-olho de leitor/poeta) de um poema ao outro. E daí, um salto nos leva por em cima de um outro abismo, até o extremo direito da página da direita, para o sonho (impossível?) da "nudez":

*"Exata
em solidão de areia
a cadeira sonha assentar sereias".*

A ausência do nome do autor ao pé do poema colabora para este tecido de textos. Em dois quadros, bem separados, a relação dos poetas junto ao nome do poema respectivo, obriga a um novo movimento, releitura para situar cada poema, ida e volta do nome ao texto ao nome, não desmanchando uma rede para tecer a outra, mas cruzando os fios para fazermos ainda mais forte nosso tecido. Cada poema, cada verso, cada palavra, só é um ponto onde os fios da grande rede da poesia se encontram, se cruzam, criando um pequeno centro de força, um "aleph" (Borges, mais uma vez).

O espelho é a figura que liga os poemas dos poetas do Paraná, no nº 37. 6 de um lado, 6 do outro, "olhando" para o centro, como o reflexo de cada um nas águas de um lago. No centro mesmo, imagem inversa dos dois lados, a palavra "Paraná", mas não na forma de reflexo letra a letra: a um "P" corresponde um "a", começo, com fim, fim com começo. O desenho é bem mais complexo. Como resistir à tentação de ler cada poema em relação com seu (falso) reflexo? Só uma amostra: na esquerda "Movimento antiquo", movimento do mar, do sonho, motores de inconsciente, do poema, refletem-se no "Imã" da direita, céu que vira sol, no ser do poeta que (magia dos nomes) se chama Terra... Que movimento é esse, que pode ser parado por um toque de sino, senão o mesmo que vai do "seu" ao "céu", do "sol" ao "sou", som de sino que na identidade busca a diferença, que na diferença descobre os ecos que da direita à esquerda e vice-versa, entrecruzam os sinais do verso?

No nº 38 começam a publicar-se as "revelações". Textos em prosa ou verso de autores jovens, ainda inéditos, selecionados na base de um concurso: os "escolhidos" do *NICOLAU*. Da primeira, Jane Sprenger Bodnar, curtos poemas disseminam medos, infâncias, olhos, buscas, magias. Neste número, *NICOLAU* traz uma marcante presença feminina: na capa; nos poemas de mulheres, reunidos com o título "MULHERES" em dois quadros com moldura de renda. Tanta feminilidade nos parece suspeita. Não acreditamos na existência de "poesia feminina". Poesia é poesia e não tem sexo. Pelo menos um sexo. Os leitores assíduos de *NICOLAU*, e nós neste percurso crítico em busca da poética da leitura, damos um salto na memória: no nº 34, a poeta Alice Ruiz, dizia "Nós, artistas, temos uma sensibilidade andrógina, criação não tem sexo, embora por outro lado, seja altamente

erótica. [...] Então eu me recuso a criar cisões num dos poucos espaços onde existe união, que é a criação estética.” Esta era parte de sua resposta à pergunta de *NICOLAU*: “você acha que existe uma literatura feminina?”. Ora, a palavra de Alice (que faz parte do Conselho Editorial do jornal) pode ser considerada uma das vozes da polifonia que é *NICOLAU*. Lemos, então, a ironia na moldura de rendas, ou a metáfora da renda das molduras: renda de palavras, de textos. Não a marca do trabalho da mulher, mas do trabalho do artista, andrógino. Ali, entre as mulheres, a presença de Alice a confirmar esta intuição. Seu poema “Luz” ilumina-nos a cidade que cria com pura luminosidade da memória e da imagem, a cidade sempre insistente no caminho que escolhemos.

A “novíssima” do número seguinte (39) também será mulher, mas prosadora. Nos seus textos, porém, a fronteira de gêneros está apagada. Uma intenção de eliminar os traços formais da escrita em prosa, junto a um fluir das palavras num ritmo modulado em música, faz sentir esta prosa de Marília Kubota muito próxima do poema.

Neste número há quatro poetas de quatro diferentes Estados, publicados sob o título comum de “Quadrante”. Os textos estão distribuídos de modo que o leitor deve agir materialmente sobre a página, pela disposição quiasmática das letras no papel. Outros cruzamentos diferentes se produzem com os estrangeiros incluídos no número: russos do começo do século, argentinos atuais. O tema do “Mosaico” é Violência. Preferimos evitar inferências apressadas, e voltamos à leitura dos poemas.

De leitura e escrita é que fala o nº 40, o último da nossa série, o que se abre com a capa da letra escindida. Ler/escrever: dois atos escindindo a letra, é o tema do “Mosaico”. O Editorial, que já citamos, faz centro na poesia e no “inspirar” (que tem o duplo sentido: a inspiração poética, a inspiração do ar, a maneira para se manter vivo).

Encontramos no “Mosaico” o leitor borgeano mencionado por um editor - Alcino Leite Neto, falando sobre a literatura, leitura/escrita como dois pólos reunidos nos livros de Borges, que conseguiu “fechar o círculo”. Círculo que se fecha e se abre, segundo José Miguel Wisnik, músico, para quem “Antes de mais nada, a música se escreve na memória”. O poema também.

Do que se fala, no nº 40 todo, é mesmo da memória. E na base da memória, condição mesma para ela, está sempre o esquecimento. Ler é esquecer. “Leio porque esqueço” (Barthes, S/Z). A leitura plural, poética, buscando atalhos ocultos e abrindo veredas novas, só pode ser feita esquecendo alguma(s) outra(s) leitura(s). (“... se fechasse a lista, reconstituiria fatalmente um sentido singular, teológico” - ainda Barthes). *NICOLAU* resgata do esquecimento (e porque foram esquecidos) os arquivos da repressão e a escrita dos anasazis; traz para uma leitura (esquecendo outras) a poesia dos americanos de hoje - que por sua vez, esquecendo outras, lembram por exemplo que é função da arte fazer com que os corpos se encontrem. Traz ainda os fragmentos de Octávio Paz falando de poesia, de amor, de fragmentos. Um deles, dá uma “perfeita definição da poesia moderna: “A poesia moderna é uma tentativa de abolir todas as significações porque ela mesma se pressente como significado último da vida e do homem”. Supremo e total esquecimento de todos os significados para instaurar a memória - onde se escreve o poema - como imã de fragmentos. Esboço, finalmente, de uma possível teoria da escrita.

O “novíssimo” deste número, Carlos Dala Stella, entra nas raízes da infância através do silêncio (outra forma do esquecimento) porque apagando as palavras é que as palavras brilham. “Sob os olhos do meu / a criança faz seu pequeno silêncio / infantil.” E um outro “Quadrante”, todo iluminado de jóias, diamantes, cristal, estrelas e sorriso, oferece imagens do brilho que quatro poetas acendem na página branca da memória, esquecendo tudo que não seja sonho: “isso / exatamente isso / é teu diamante mais puro” (Mário Quintana).

Leitura que atrai os fragmentos a seu imã; rede que tece palavras, sonhos, imagens; mão-olho que desenha mundos (im)possíveis; existência em letra que resiste no caos, roteiro de atalhos, desvios, pontes, ramais... eis o que *NICOLAU* traça como uma possível poética da leitura no fim do século XX. Apagamento de fronteiras - de gêneros, de línguas, de áreas -; memória construída sobre o esquecimento; biografia dos seus poetas: vida na palavra escrita, letra marcada pela letra.

5. A nova aventura

Acabamos de receber o nº 41. Na capa, um “N” enorme à direita, como duas longas pernas, sombra projetada para cima sobre o resto do nome, pequeno no ângulo inferior direito. À esquerda, a imagem inversa na fotografia de uma bicicleta que projeta a sombra enorme de suas rodas para baixo. *NICOLAU* segue na busca do que é novo, no jogo da imagem, na metáfora. Montamos na sombra enorme da bicicleta com as enormes pernas do N; entramos na ilusão de uma nova aventura pelo jornal; abandonamos - momentaneamente - este trabalho para mergulhar na leitura, na busca de novas rotas, novas surpresas, nova e sempre a mesma: a aventura de ler.

